

DANÇA E POLÍTICAS PÚBLICAS: PENSAMENTO TRÁGICO

Joana dos Santos Egypto de Cerqueira
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)
joanacer@gmail.com

Resumo

Este trabalho teórico se propõe em apresentar percursos traçados ao longo da pesquisa de mestrado, em andamento – “Forças em luta para invenção de uma dança”. Pesquisa esta orientada pela professora Dra. Silvana Tótora (Departamento de Política da PUC-SP). Busca estabelecer brevemente aproximações entre o fazer artístico relacionado à dança, a produção artística da vida e a perspectiva trágica nietzschiana apresentada especialmente no decorrer da obra “Assim Falou Zaratustra”. Para validar a perspectiva trágica condizente à dança, esses pontos de encontro irão considerar os embates de forças entre as faculdades de memória e esquecimento, no que diz respeito tanto à postura afirmativa da vontade de potência do artista quando em trabalho, como também sua condição atual diante políticas públicas de incentivo voltadas à cultura.

Este trabalho se propõe em apresentar percursos traçados e pequenos avanços ao longo da pesquisa de mestrado, em andamento – “Forças em luta para invenção de uma dança”. Pesquisa esta orientada pela professora Dra. Silvana Tótorá (Departamento de Política da PUC-SP). A inquietação que suscitou esta pesquisa de mestrado foi, a princípio, a relação de embate entre as faculdades de memória e esquecimento, que movem a invenção de uma dança; a coexistência e intimidade entre história e devir.

Contudo, no primeiro movimento desta pesquisa, iniciada em 2012, fora investigada a emergência das leis de incentivo à cultura, no Brasil, até o desembocar da instituição da Secretaria da Economia Criativa, em 2012. Deu-se especial atenção à análise da emergência do Programa Municipal de Fomento à Dança da cidade de São Paulo – instaurado em 2005. Da mesma maneira, buscou-se considerar discursos e efeitos deste modo de conduta na vida dos artistas. Ou seja, constata-se, por hora, que certas adequações administrativas e práticas calcadas por cálculos econômicos passaram a atravessar processos de criação, haja vista previsões de orçamentos, prestações de contas, contras partidas sociais, etc... que compõem projetos de arte e de dança inscritos nas cotas dos editais.

Ao longo da história, a dança percorreu diferentes contextos institucionais e políticos que merecem atenção analítica, porém o que compete a este momento, em particular, da pesquisa é relacionar circunstâncias presentes das políticas de incentivo à dança e ao mesmo tempo considerar um experimento intempestivo que o ato de dançar permite àqueles que trazem no gesto, no movimento e na composição de sua dança uma urgência da qual não

se pode abrir mão. Neste sentido pode-se esboçar uma qualidade micropolítica que atravessa a dança e sua feitura sobre aquele que a realiza.

Interessa estabelecer pontos de análise que articulem tal circunstância histórico-política, que envolve a imersão e adequação do artista à modelos e categorias prescritas por políticas culturais, com a dança, ou seja, com o próprio ato de dançar enquanto prática de um excesso que não se contém em si. Nesse sentido passa a ser vigoroso questionar como e por que engendrar o presente com forças trágicas: impulsos artísticos – apolíneo e dionisíaco – entramados entre si (Nietzsche, 2007, p.75).

Nietzsche, ao dizer da tragédia grega, não a encurrala no emaranhado estritamente histórico, ou seja, não a apresenta como referida exclusivamente a um período histórico da antiguidade. Ao contrário, ele extrai da história da filosofia socrática um sentido para a cultura moderna de sua época e, ao mesmo tempo empenha-se na possibilidade latente de fazer a vida urrar e afirmar-se. Seu olhar atento à tragédia grega propicia, a golpes de martelo, uma genealogia filosófica e política acerca da condição da cultura ocidental, a partir da história dos soterramentos diversos, os quais foram imprescindíveis para fazer emergir o conhecimento e a verdade; para fazer emergir o dualismo cartesiano irreconciliável; e, por fim, a cisão moral entre forças apolíneas e dionisíacas em suprimento do pensamento trágico, onde ambas se entrelaçam. Tal condição deve-se, especialmente, ao advento e efeitos do cristianismo. Este mesmo empenho de luta e perseguição do que é vital constitui a tragicidade do pensamento de Nietzsche.

A fusão entre as forças apolíneas e dionisíacas correspondem às núpcias entre a embriaguez do sonho, da potência individualizadora e plástica

da imagem e da aparência dadas por Apolo, com o êxtase do caos, do gesto, da paixão delirante, da música e da dança, ofertadas por Dionísio. O primeiro carrega consigo, além de um caráter estético, um caráter ético por estabelecer linhas fronteiriças entre seres singulares (Tótorá, 2005, p. 162). Enquanto o segundo está intimamente ligado ao transbordamento incomensurável da existência, do arrebatamento e do prazer.

Não se tem por intuito, agora, discorrer de forma cronológica e linear aos desdobramentos que constituíram a história da filosofia ocidental e que serviram como base para convicções jurídico-políticas do presente. Porém, procura-se não ignorar o que permanece vivo: um combate latente que dispõem condições políticas próprias daqueles que estão interessados em inventar outros mundos por meio da dança e as contingências também políticas que cercam as produções voltadas à dança, no esforço de fazer atravessar, tais contingências, com um pensamento trágico.

Hoje, pensar a dança ajustada às distintas funcionalidades e utilidades políticas e econômicas, dispensa o que nela é mais caro: sua potência catalizadora de questionamentos e transgressões. Quando, a inquietação incontornável daquilo que impulsiona o movimento e a busca por uma coerência estética deixam de ser a urgência primeva para dar lugar continuamente ao investimento e adequações calcadas na demanda e no reconhecimento de uma classe artística organizada politicamente pelo viés representativo e/ou empresarial, entende-se que tal potência transgressora tende a se enfraquecer.

Para a instauração de outra atmosfera acoplada ao real ordinário, para a invenção de outro mundo intempestivo, por meio da dança, carece-se do artista

alterações para além da temperatura e estado de seu corpo e isso requer trabalho e rigor, tempo e espaço para incansáveis repetições, insistências em buscas aventuradas e, por conseguinte, sofisticação técnica tanto de uma escuta interna e externa do corpo-espaço como também da imagem inebriante trazida, por si, à tona.

Existe aqui algo de arrebatador que faz desarranjar estados de consciências, implodir certezas e expandir, por vezes, dizeres inauditos e inomináveis. Concomitantemente, compete, muitas vezes, a estes mesmos corpos a imersão nas incontáveis horas dedicadas à postura ereta, são, racionalmente coesa, com o apoio da base do crânio, na primeira vértebra cervical, com ísquios fixos a madeiras da cadeira; figuras razoáveis que arquitetam e idealizam projetos, os quais nem sempre são contemplados pelos editais de incentivo dos quais competem. Quando não, esse tempo espremido pode ser dedicado a reuniões ou mediações com gabinetes e secretarias de culturas, encontros e debates para discutir pautas e demandas da classe artística. Tudo a fim de garantir viabilidade de trabalho, possibilidade de espaço, meios para viver ou mesmo para sobreviver. Estes mesmos artistas embebidos pelo delírio e pela paixão são explodidos, um a um, por Apolo das mil faces de Dionísio, deus do excesso caótico da vida e de tudo que faz mover e transfigurar.

“O êxtase do estado dionisíaco, com sua aniquilação das usuais barreiras e limites da existência, contém enquanto dura, um elemento *letárgico* no qual imerge toda vivência pessoal do passado. Assim se separam um do outro, através desse abismo do esquecimento, um mundo da realidade cotidiana e o

da dionisiaca. Mas tão logo a realidade cotidiana torna a ingressar na consciência, ela é sentida como tal com náusea; uma disposição ascética, negadora da vontade, é o fruto de tais estados.” (Nietzsche, 2007, pp. 52-53).

A obra *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*, escrito por Nietzsche entre 1883 e 1885, alastra percursos seguidos por Zaratustra, em seus ociosos, convalescências e fricção com a vida mutável e selvagem. Além disso, manifesta fôlego para pensar a condição trágica daquele que persegue a vida artista. Longe de empregar tal obra como uma metáfora comparativa ou modelo a ser seguido por outros, ela é aqui mencionada por apresentar fineza poética e política de um combate intempestivo, solitário, tenso e perigoso em favor de um *sim* irrequieto para a vida que quer expandir-se infinitamente, mesmo que ela mostre sua face assustadora; mesmo que atravesse dias e noites medíocres, por vezes, nauseantes. Nesse sentido, Nietzsche desafia o pensamento de seu tempo com violência e ousadia para fazer emergir o terreno fértil da invenção, campo que atravessa os tempos e interessa a esta pesquisa.

O pensamento trágico que Zaratustra irrompe aproxima-se do exercício equilibrista da fronteira bamba e abissal da existência: da aceitação da finitude da vida sem o consolo metafísico dado por um deus, pastor ou qualquer conhecimento científico do homem convicto, moderado. Além disso, a figura de Zaratustra trava um combate incansável contra seu inimigo mortal – o espírito de gravidade – e os nihilismos que o acompanha – o nada de vontade e a vontade de nada.

Em “da visão do enigma”, um desafiante combate é encadeado entre o espírito da gravidade, na figura de um “meio anão, meio toupeira”, e Zaratustra. Na empreitada de uma longa subida, o primeiro, sobre os as costas do outro, embota com audácia a fatalidade lógica de uma lei física que rege a atmosfera terrestre: toda pedra atirada para o alto, inevitavelmente cairá no chão ou em cima da tua cabeça. Este cochicho irritante cai como gotas de chumbo nos ouvidos de Zaratustra até que a coragem acometida, a coragem matadora, assassina inclusive da própria morte, vibra seu berro fremente: “Alto lá, anão! Ou eu ou tu! Mas eu sou o mais forte dos dois: tu não conheces o meu pensamento abismal! *Esse – não poderias suportá-lo*” (Nietzsche, s/d, p. 166). Uma anúncio forte demais assalta a noite. Algo arrebatador em demasiado funde-se na visão inebriada de um enigma.

A visita arrebatadora de forças dionisíacas, durante o frenesi dos pés, marca a memória e, mesmo que não se deixe passar ilesos espaços e corpos por onde atravessa, traz consigo o delírio inebriante da inocência de um esquecimento muito antigo onde se desgarrar do pessimismo, não se ilude esperanças e respostas salvadoras. Simultaneamente, esta mesma força agarra-se, inquietantemente, na crina solta da vida. O caos organiza-se provisoriamente com a meticulosidade, graça e beleza procedente de forças apolíneas. Por mais que esta força tenha vingado mais veementemente em relação às bases filosóficas que sustentam a cultura ocidental e todo soterramento do pensamento trágico, não cabe deslindar-se de sua máscara escandalosa. Neste galope, a trote, pretende-se questionar: O que artistas e dançarinos tem feito de si mesmos? Como tem perseguido danças e vivido pelas beiras dos guizos de seu tempo?

Referências Bibliográficas

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. Trad. J. Guinsburg. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2007.

_____, F. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. Círculo do Livro. São Paulo, s/d.

TÓTORA, Silvana. “Tragédia em Nietzsche e Lúcio Cardoso”. Revista *Verve* Nº08. São Paulo: Nu-Sol, 2005, pp. 160-186.